

RESENHA

CALDERÓN, Adolfo Ignacio; SILVA, Elza Maria Tavares; BATISTA, Maria Angélica; GRITTI, Neusa Haruka Sezaki. *Gestão educacional: amigos da escola em ação*. Campinas: Alínea, 2013. 172p.

Terceiro setor, voluntariado, responsabilidade social corporativa, organizações não governamentais, fundações empresariais, parcerias público-privadas etc.: temas ainda polêmicos, apesar de há vários anos serem veiculados pelas mídias e debatidos pela academia, tratados ora como redenção, ora como perdição. O grande mérito dessa obra, fruto de uma pesquisa coletiva levada a cabo por, então, docentes da Universidade de Mogi das Cruzes/SP, é o de buscar um olhar mais distanciado a respeito desses assuntos, focando o Programa Amigos da Escola como quem nunca tivesse ouvido falar dele e, ao estilo da melhor sociologia, ouvindo todos os envolvidos com o programa e muitos outros que se dispuseram a falar sobre ele.

No prefácio da obra, Mario Sergio Cortella se refere aos voluntários e aos voluntariosos. Os segundos seriam os “birrentos”, inconformados com sua vontade não satisfeita. Os voluntários tendem à gentileza do gesto solidário. Nessa divisão de mundo, devo confessar que sempre fui e continuo sendo um dos “birrentos”. Mas também devo confessar que, tal qual a maioria dos seus detratores, também conheci e julguei o Amigos da Escola, sobretudo por sua propaganda televisiva. Lá, a Rede Globo de Televisão teria advogado o voluntariado como redenção da escola pública, em prática abnegada, apolítica e caridosa em prol de uma instituição falida. Diante de tamanha ideologia posta a rolar, ser birrento não era necessariamente um mal.

Entretanto, Calderón e seus colegas pesquisadores se empenharam em ouvir a voz dos diferentes atores, em ir a campo e investigar empiricamente o que se deu na implementação desse programa, em ler com distanciamento os fascículos do “Amigos”, distribuídos nas escolas, e até mesmo em ouvir os proponentes do

programa. Tecem com acuidade uma polifonia de vozes e buscam ir além de uma adesão ingênua ou de uma negação taxativa, ainda que justamente crítica.

Como estratégias de pesquisa, em primeiro lugar, o livro analisa textos, artigos e documentos, acadêmicos ou não, relativos ao Amigos da Escola, e com eles compõe o capítulo inicial. Em segundo lugar, trata de pesquisas acadêmicas que abordaram empiricamente, no coração das escolas, o programa – fonte do capítulo 2. Em terceiro lugar, analisa entrevistas com 15 diretores cujas escolas participaram do programa, todas da região de Mogi das Cruzes, fonte dos capítulos 3 e 4. O capítulo 5 é oriundo de análise dos fascículos do Amigos da Escola distribuídos às escolas do país, bem como de entrevistas com os criadores desses fascículos. As considerações finais partem de um diálogo a respeito dos resultados da pesquisa com a Rede Globo, bem como com diretores de escolas em eventos. Complementa o livro um apêndice escrito por um diretor da Rede Globo de Televisão, fazendo uma espécie de balanço dos resultados da pesquisa exposta na obra.

Há, apesar de inevitáveis limites, de se ler esse texto, principalmente se for alguém interessado em conhecer e investigar melhor os laços entre voluntariado, “terceiro setor” (com as aspas que eu prefiro) e educação. Ele alerta a todos, críticos ou laudatórios, que não se deve deixar levar pelas aparências, nem seduzir-se ou horrorizar-se pela natureza do interlocutor – tal qual a grande rede televisiva, tramando a pretensa “salvação da escola”. Deve-se ler concretamente o que é dito pelos protagonistas, efetivado pelos sujeitos, sinalizado pelos dados reais.

Partem os autores de uma definição que se quer objetiva e sóbria a respeito do chamado terceiro setor: “movimento ideológico que defende a corresponsabilidade entre Estado e sociedade civil” (p. 18-19). Apontam para a novidade histórica dessa parceria, a sua enorme visibilidade, vinculada a um crescente “mercado” social em que operam empresas e organizações, ao *marketing* da responsabilidade social, ao apoio do governo federal de Fernando Henrique Cardoso e à adesão da grande mídia. Parecem indicar que, se as críticas ferrenhas de autores como Carlos Montañó sobre o tal terceiro setor demonstram a ligação do setor com o paradigma neoliberal, não são capazes de notar que converge para ele também o paradigma democrático-participativo.

Entretanto, seu título não faz jus a esse temário maior da obra. Há, certamente, muito de “gestão educacional”, em especial nos capítulos 3 e 4, em que são ouvidos diretores de escolas estaduais da região de Mogi das Cruzes. Também, quando se equaciona o chamado “voluntário cidadão” com a possibilidade de uma gestão democrática da escola, incluindo a participação da comunidade que abriga a instituição. Mas são, sobretudo, os meandros do voluntariado em sua, em geral, fracassada tentativa de redimir a escola pública, que a obra desvenda. E, ainda, os apressados juízos condenatórios a respeito do voluntário na escola, feitos por sindicatos docentes, associações discentes e acadêmicos. Enfim, os bons indícios de pesquisas empíricas sobre o programa, que ilustram os verdadeiros limites do

Amigos da Escola, mas também alguns dos falsos temores dos seus detratores, “birrentos” como eu.

Se há alguma utopia nesse livro, é a da constituição de um voluntariado cidadão, fomentador de uma escola democrática em sua gestão e relação com a comunidade. Os Amigos da Escola, de alguma forma, ao menos na sua ode incongruente ao voluntariado, feita pela Rede Globo, teria criado um ânimo geral que poderia ser favorável a tal prática voluntária cidadã.

Aquela dualidade aqui antes descrita, sobre o fato de o pretenso terceiro setor ser uma convergência entre o paradigma neoliberal e o paradigma democrático-participativo, vem instalar-se no próprio núcleo criador do Amigos da Escola, como ilustra um dos mais interessantes capítulos da obra, o capítulo 5 (“Uma importante proposta de trabalho coletivo”). Ele faz uso de uma das melhores estratégias da imaginação sociológica: ir para além dos discursos socialmente consolidados (totalmente favoráveis ou completamente contrários), mas baseados apenas nas impressões primeiras (no caso, aquelas fornecidas pela propaganda televisiva). Faz isso flagrando o verdadeiro conflito entre a tônica democrático-participativa da concepção de voluntariado presente nos fascículos do Amigos da Escola e o tom ingênuo, mas de origem maliciosa, das mensagens da Rede Globo.

A contradição transparece na difícil construção dos fascículos, em que vence o conceito democrático de parte dos profissionais do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) (organização não governamental com vínculos fortes com o Banco Itaú e redatora dos fascículos). Mas, no meu entender, a contradição se resolve, primeiro, no tom em parte atenuado dos fascículos a respeito da participação democrática. Depois, na incapacidade de os autores dos fascículos influenciarem o tom da propaganda televisiva, que foi o verdadeiro carro-chefe do programa. E, ainda, na incapacidade de fazer com que um número significativo de diretores e profissionais das escolas lessem e aplicassem as propostas interessantes contidas nos fascículos. Enfim, a contradição se resolve no fracasso de todos no intuito de que o Amigos da Escola fosse mais que a geração de mera aura salvacionista em torno dos voluntários, enquanto poucas escolas, concretamente, cadastraram-se no programa, e as que se cadastraram se frustraram com os resultados: nenhum ou poucos voluntários, voluntários com participações frágeis e inconstantes, mobilização dos voluntários de sempre (os pais de alunos costumeiramente engajados).

Curiosamente, o tom amenizado dos fascículos reaparece no próprio livro, agora em suas considerações finais, assumidamente influenciadas pelos diálogos com a direção do referido programa na Rede Globo e por encontros de discussão com diretores de escolas. Será mesmo que a tentativa, em boa parte bem-sucedida ao longo do livro, de certo afastamento em relação ao programa, ouvindo todas as partes, não poderia durar para sempre? Haveria mesmo de se chegar a um posicionamento não apenas acadêmico (na qualidade de considerações conclusivas), mas ético-político, na qualidade de engajamento em certa concepção de educação?

Considerando as partes finais dessa obra, incluindo o posfácio, em que diretor da Rede Globo tem plena voz, parece que a resposta para ambas as questões é sim.

Apesar disso, é mais que salutar ler a obra, recomendada por um apreciador do bom exercício da imaginação sociológica, mas birrento a ponto de quase findar sua resenha com uma provocação aos empenhados pesquisadores, que bem escreveram o livro e exerceram com audácia a criatividade científica.

LUÍS ANTONIO GROppo é doutor em ciências sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL).

E-mail: luis.groppo@pq.cnpq.br

Recebido em agosto de 2013

Aprovado em dezembro de 2013